

III. Diário de Bordo

Este diário centra-se principalmente, no relato da concepção do texto dramático *Luísa e Artur*. Atravessa todas as etapas, desde a decisão de o redigir, passando pelas várias jornadas e picos de criatividade, até ao momento em que está finalizado.

Serve o propósito de incentivar a expressão artística, mas acima de tudo: partilhar o conhecimento adquirido a quem possa ser útil.

17 de outubro de 2021

Custa-me imenso arrancar. As minhas ideias e os meus pensamentos baralham-se e confundem-se e misturo tudo. Então, num momento tenho milhares de ideias e no outro o cérebro apaga. Não me apego a nenhuma delas. Não acho que alguma seja particularmente genial ou brilhante, mas em simultâneo são pontos de partida válidos para desenvolver. Só não sei por onde começar.

O Prof. Zink disse-me que uma das coisas mencionadas no livro *On Writing* de Stephen King é que se deve escrever sobre o que se conhece. Então, sei que quero escrever sobre relacionamentos. A minha vida nunca teve uma dimensão muito trágica. Saí de casa dos meus pais com 15 anos para estudar teatro. Trabalho desde os 18 anos. Fora isso, feliz ou infelizmente, não tenho uma vida com acontecimentos muito dramáticos, que por si só sejam irresistíveis de colocar num texto. Na realidade, a perceção da minha história tem a ver com as ligações humanas. Queria fugir de tudo o que fosse muito romântico ou lamechas. Gostaria de escrever sobre segredos, sobre identidades e sobre cumplicidade, de uma forma simples que não vomitasse ideias e conceitos. Duas pessoas, que não são perfeitas, que cometem erros e escondem coisas, mas que ao mesmo tempo se querem e precisam uma da outra.

No início tinha uma ideia que fui buscar a um momento em que era obcecada com o meu sono. Todas as noites, antes de me deitar, abria uma aplicação que rastreava os meus movimentos e a qualidade do sono. Através de uma gravação, avaliavam a profundidade da minha respiração e todos os barulhos que se conseguiam ouvir no meu quarto. Quando acordava, divertia-me sempre a ouvir os cliques de som. Mas um dia passou-me pela cabeça, quão grave seria, se numa dessas gravações estivesse alguma informação que não era suposto eu ouvir. Imaginando que a minha vizinha tinha matado alguém na escada, de repente via-me como testemunha de algo sem sequer estar preparada. Escusado será dizer que nunca mais abri essa aplicação. Em simultâneo, essa ideia estimulou a minha criatividade. Pensei que seria um ponto de partida engraçado para um espetáculo. Poderia brincar com os limites entre o sonho e a realidade, com um narrador ensonado que pode não ser completamente confiável ou até mesmo um texto que deixasse vários pontos interativos em aberto para o espectador e os atores resolverem juntos. O problema desta ideia está no facto de, só

recentemente, ter começado a ler *thrillers*, e portanto, em termos técnicos, não sei muito bem por onde pegar e como intercalar as coisas. Mesmo quando vejo um desses filmes, não o faço no sentido de o analisar, mas sim, como forma de entretenimento. Para além das obras que o Prof. Zink me pediu para ler, tenho que procurar mais material para me inspirar. Pode ser que pegue nesta ideia ou que a consiga transformar em muitas outras.

22 de outubro de 2021

Ando em busca de fontes de inspiração.

Além da leitura de *On Writing* do Stephen King, o professor sugeriu-me também *On Directing* do David Mamet, que já comecei a ler. Acho que preciso de ver alguns conteúdos cujos temas principais são relacionamentos. Não me queria afundar muito em filmes e livros românticos. Tenho que me lembrar de alguns que, embora tenham alguma história romântica, tenham também uma estrutura diferente.

A estrutura vai ser um aspeto fundamental. Sempre li peças de teatro com uma estrutura que seguia um fio condutor. Ou seja, enredos com princípio, meio e fim. Ao longo deste mestrado fui descobrindo (também porque faz parte dos conteúdos de várias cadeiras que escolhi) formas de teatro/performance em que o texto não é fundamental. Como era um assunto pouco familiar tanto nos meus interesses como na minha formação, fiquei curiosa com as novidades que, por exemplo, a dança *butoh*, o teatro da crueldade e até mesmo o pós-dramático poderiam trazer à minha visão do teatro em si. Posto isto, e tendo em conta que reconheço o impacto de todas essas características, também estou ciente de que não tenho experiência absolutamente nenhuma a escrever o quer que seja e, portanto, a melhor estratégia para conseguir terminar a tarefa a que me propus é efetivamente, escrever um texto que tenha uma história. Fui mesmo aconselhada pelo meu orientador para construir uma pasta com 3 subpastas que contêm o início, o desenvolvimento e, por fim, a conclusão. Portanto, tenho que arranjar um enredo que seja composto por duas ou três personagens (acho demasiado difícil escrever para muito mais que esse número) e um conflito que mais tarde será resolvido. Eu gostava de ter um elemento mágico. Ainda não sei bem de que forma, mas gostaria de ter um componente que permitisse um desafio criativo a quem quisesse encenar esta peça. Uma espécie de realismo mágico, no sentido em que vários recursos fantásticos podem existir e estar integrados na normalidade/realidade dos personagens, mas nem ousar em querer contextualizar a minha primeira peça de teatro em algo tão complexo e rico como é este género. Além de que, segundo sei, no realismo mágico os elementos mais fora do comum nunca são explicados, e aqui, não tenho a certeza de conseguir escrever uma peça com um conceito desses sem o tentar esclarecer em determinada altura.

Há uns anos descobri a peça *Constellations* de Nick Payne e fiquei obcecada com ela de tal forma que acabei por traduzi-la com a intenção de a encenar. Cheguei até a fazer um trabalho sobre ela para a cadeira de Literatura e Cena no semestre passado, lecionada pelo Prof. José Maria Vieira Mendes. “Do you know why it’s impossible to lick the tips of your elbows? They hold the secret to immortality, so if you could lick them, there’s a chance you’d be able to live forever. But if everyone, did it, everyone could actually lick the tips of their elbows, then there’d be chaos. Because you can’t just go on living and living and living.” Esta é a primeira fala de *Constellations* e é a forma que Marianne usa para quebrar o gelo na sua primeira conversa com Roland. Esta fala é repetida três vezes em cenas diferentes, que são seguidas, e em cada uma delas Roland tem uma reação diferente, bem como após cada repetição algumas falas vão sendo eliminadas e dão lugar a outras que nos fornecem mais detalhes e informações sobre o seu primeiro encontro. Da mesma maneira que esta repetição acontece no momento em que se encontram, e dentro dela há sempre uma variação nas respostas de ambos às situações com que são confrontados, para cada cena e, conseqüentemente cada fase da relação amorosa que vão vivendo, há a repetição da situação com os elementos referidos anteriormente: reações diferentes às mesmas situações e substituição de algumas falas antes repetidas para dar mais informação sobre o momento em si. Por exemplo, na primeira cena, Marianne tenta, então, estabelecer uma conversa e começa por dizer o que está mencionado acima e Roland diz que é comprometido, contudo, nas duas cenas seguintes, ela começa por dizer exatamente o mesmo, mas na segunda cena Roland diz que acabou de sair de uma relação e na terceira, para além de conversarem um pouco mais, dando a entender ao leitor em que circunstâncias estão, Roland informa que a sua mulher está presente e que foi apenas buscar uma bebida.

Eu li a peça toda sem perceber muito bem o que estava a ler, mas ia criando ideias visuais de forma automática e isso ia-me alimentando a vontade de dar vida ao que ia absorvendo. O conceito é explicado em anexo, fora do texto dramático. Percebi que se tratava da teoria dos multiversos, da possibilidade do mesmo momento se repetir em universos paralelos e resultar sempre de forma diferente. Agrada-me imenso esta hipótese de andar para trás e para a frente no tempo e das infinitas situações que isso pode proporcionar.

26 de outubro de 2021

Preciso de fazer uma lista de referências que se encaixam nos temas que me interessam:

- Séries:

Cenas de um Casamento – Hagai Levi

Black Mirror Episódio *Hang the DJ* – Charlie Brooker

- Livros:
Constellations – Nick Payne
Biblioteca da Meia-Noite – Matt Haig
Maybe in Another Life – Taylor Jenkins Reid
- Filmes:
Pequenas Mentiras Entre Amigos – Guillaume Canet
Marriage Story – Noah Baumbach
Kramer vs. Kramer – Robert Benton
O Despertar da Mente – Michel Gondry

Já conheço todas as obras listadas acima, mas sinto que se as rever/reler, talvez tenha alguma ideia para começar a explorar. O conceito da aplicação de sono não me está a deixar evoluir muito. Todos os pensamentos que tenho à volta disso, são tontos. Por acaso tenho curiosidade de saber se “os escritores a sério” têm esta dificuldade toda em escolher o quer que seja. O tema, as personagens, os sítios... decisões, decisões.

30 de outubro de 2021

Consegui reler *A Biblioteca da Meia-Noite* e o *Maybe in Another Life*. Estes dois livros têm muito mais em comum do que eu me lembrava. O primeiro conta a história de uma rapariga que se tentou matar, mas que não foi bem-sucedida. Enquanto fica ali, entre a vida e a morte, vai para um sítio, um género de limbo, chamado a biblioteca da meia-noite, onde tem a oportunidade de viver todas as opções e realidades que, enquanto estava viva, optou por não experienciar. E se ela não tivesse acabado com o namorado? E se ela não tivesse desistido da natação? Todas estas questões que às vezes nos passam pela cabeça.

Já o *Maybe in Another Life* retrata as possibilidades amorosas de uma rapariga que regressa à sua cidade natal. Para comemorar, reúne os seus amigos num bar e por coincidência o seu Ex namorado aparece lá. No fim da noite, tanto esse Ex como a sua melhor amiga oferecem-se para lhe dar boleia para casa e a partir daí cada capítulo é a continuação tanto da opção A como da opção B.

Nenhum deles é uma obra literária perfeita. O primeiro está ali muito próximo da autoajuda (que não me agrada muito), o segundo é uma comédia romântica repleta de lugares comuns, porém, ambos têm uma estrutura peculiar que me agrada muito. Têm aquele tal elemento mágico, que eu também gostaria de conseguir colocar na minha peça.

5 de novembro de 2021

Falei com o meu professor. Temos vindo a discutir ideias, mas eu ainda não defini um tema em concreto. Relacionamentos amorosos são um assunto muitíssimo vago. Ando aqui para trás e para a frente a tentar perceber por onde é que posso começar a escrever e não consigo decidir. O Prof. Zink explicou-me que é normal que esta primeira peça seja um enorme falhanço. Não tenho experiência e a probabilidade de criar uma grande obra-prima é muito baixa. Não poderia concordar mais. Na verdade, não há muito que ele possa fazer se os meus pensamentos são todos no ar e não há nada de palpável, nada escrito, para se poder trabalhar. Mesmo tendo isto em conta, quero fazer o melhor que posso e talvez isso me bloqueie. Mais uma vez, o meu professor disse que “feito é melhor que perfeito” e está na hora de começar a escrever. Começarei por escrever o início e o fim, e depois escrevo o desenvolvimento. É isso que vou fazer.

10 de novembro de 2021

A temível folha em branco.

Estou há cinco dias a olhar para um documento de Word aberto sem saber o que fazer.

Estou com grandes dificuldades em encontrar um ponto de partida. Vou pegar num relacionamento e fazer o quê? Abordar um problema? Abordar vários problemas?

Fiz uma lista de assuntos que podem ser polémicos em relações. Fui perguntando a algumas pessoas com quem trabalho.

A conclusão que tiro é que gira tudo muito à volta do mesmo:

- Dinheiro (a mulher ter um ordenado muito superior ao do homem e este estar numa posição em que se sente diminuído e limitado por não ter tantas posses);
- Pessoas com a mesma profissão e uma delas ter mais oportunidades e mais sucesso;
- Querer ter filhos (se é um desejo muito forte de um deles, mas o outro não quer);
- Fases da vida muito diferentes;
- Perfis sociais (se um deles precisar de estar sempre rodeado de pessoas e o outro for o oposto);

Muitos falaram de infidelidade. Considero um tema muito falado e não estou certa se consigo inovar. Do que mencionei acima acho que poderei explorar os problemas de dinheiro, as fases da vida que não coincidem e o facto de terem a mesma profissão.

A questão da fertilidade ou de alguém querer muito ser pai, mas a outra pessoa não querer, não é algo que esteja muito à vontade para falar. Não vivi isso, não conheço ninguém que tenha passado por isso e penso que é um terreno muito pantanoso e fácil de cometer erros de perceção.

Ter a mesma profissão até que ponto é um problema? Se forem médicos, provavelmente os horários. Não creio que isso condene uma relação. Advogados? Cada um defende culpados/inocentes diferentes? Não sei. Julgo ser mais fácil existir um problema se tiverem a mesma profissão em áreas artísticas. Um ator que pode ter muito trabalho e o outro que não é selecionado em nenhuma audição, um bailarino que se magoou e assiste à carreira bem-sucedida do outro, um pintor que vende mais obras e o outro que ninguém lhe reconhece a arte...e por aí vamos.

16 de novembro de 2021

Estava a reler o plano de trabalho que enviei e percebi que vou afastar-me de alguns conceitos. Já mencionei, há uns dias atrás, que a melhor opção a tomar seria escrever uma história com fio condutor. Então, o uso do *Teatro Pós-Dramático* de Lehmann não se aplica muito aqui.

Não sei até que ponto não estou a dar um grande tiro no pé porque o meu mestrado é muito virado para a performance (pelo menos, as cadeiras que eu frequentei), mas a verdade é que eu acho que faz sentido ter uma estrutura mais tradicional pela minha falta de experiência. Já aceitei que, o resultado final poderá não ser tão maravilhoso como eu gostaria, mas o processo de criação e edição são o que mais me fascina e interessa, por isso tenho as expectativas altas para essa parte. E se há coisa que aprendi ao longo deste mestrado é que todos os percursos são válidos. A vivência desses percursos é o que nos nutre e completa como seres criadores. Portanto, vou tentar pôr de lado todas estas minhas inseguranças quanto ao resultado final. É um processo de criação e quero vivê-lo ao máximo. Não sei quando vou voltar a ter oportunidade de ter pessoas com tanta experiência a avaliar o meu trabalho e isso não tem preço.

28 de novembro de 2021

Tive umas ideias às 2h, enquanto lavava a loiça. Na verdade tenho acordado e adormecido a tentar arranjar uma maneira interessante de poder desenvolver as minhas questões em relação à peça, mas custa-me começar a escrever. Já devo ter escrito isto neste diário umas 800 vezes. Fico bloqueada. Talvez pela expectativa de querer escrever alguma coisa com pés e cabeça. Mas depois lembro-me sempre da voz do Prof. Zink a dizer-me que é provável que tudo isto saia uma porcaria. Porque é a minha primeira peça. Nunca escrevi. Citando o professor: “o ótimo é inimigo do bom”. Tenho que começar a escrever. Andei pouco mais de uma semana só a pensar e a procrastinar. Tenho que abrir o computador e escrever.

30 de novembro de 2021

Escrevi o início e o fim. Nem sei bem expressar o alívio que isso me trouxe. É provável que mude, principalmente o final, mas pelo menos já tenho um ponto de partida e um ponto de chegada. Começo por mostrar um casal que está num relacionamento, já com muito pouco para oferecer um ao outro. São os dois atores. Ela ainda a estudar e ele nunca conseguiu entrar no conservatório para tirar o curso. Tem apenas uns cursos intensivos por fora, mas isso ainda não consegui expor no texto. Em boa verdade, custou-me a decidir a profissão. Acho que falar de atores é um tema para um nicho fechado de pessoas. A maioria do público não tem muita noção da rotina de alguém que estuda interpretação. Vêm mais pelo aspeto do *glamour*. Lembro-me de um espetáculo que houve no Teatro São Luiz há uns anos atrás, que tinha mesmo o nome de *Atores*. O elenco era composto pelo Nuno Lopes, Bruno Nogueira, Miguel Guilherme, Rita Cabaço e Carolina Amaral, e encenado pelo, também cineasta, Marco Martins. Esse espetáculo era uma compilação das suas histórias e das peripécias que passaram para chegar ao patamar onde se encontram hoje. EU ADOREI! Identifiquei-me, achei divertido... Mas o meu colega, que foi comigo na altura e nada tinha a ver com esse universo, não gostou assim tanto. Na altura disse-me que percebia o porquê de eu ter gostado tanto, mas que no fundo, seria uma peça de atores feita para atores e que os restantes se iriam sentir um bocadinho deslocados. Por causa deste comentário dele, fiquei com a sensação de ser uma aposta errada, escrever uma peça em que as personagens são atores, mas a questão é que não conheço tão bem nenhuma outra profissão a não ser essa. Percebo bem as questões e os anseios. Não posso dizer o mesmo de outra profissão qualquer.

Passada a questão do ofício dos personagens, comecei a pensar nos nomes deles. Luísa. Luísa parece-me bem. Rodrigo? Luísa e Rodrigo? Não. Luísa e André? Não. Luísa e Artur? Luísa e Artur. Artur é um nome pouco comum. Pode ser Luísa e Artur. Se por algum motivo não gostar posso mudar mais tarde.

Esta ideia de eles poderem voltar atrás e mudar o passado é difícil de pôr em prática. Porque acho que pode ficar ridículo com facilidade ou cair nos lugares comuns da comédia romântica rasa. Neste universo, imaginei que existisse um programa em que eles estão inseridos automaticamente quando começam um relacionamento, e que este vai controlando e detetando algumas anomalias - as tão famosas bandeiras vermelhas - e que só quando as modificarem e resolverem podem continuar juntas. Obviamente é uma metáfora para o que nós, estando bem resolvidos na vida, conseguiríamos fazer. Não sei como farei a passagem do tempo real para o tempo passado. Acho que pura e simplesmente eles acordarão num sítio diferente ou numa situação diferente. Posso inserir uma nova personagem, talvez um anfitrião que venha guia-los por essas memórias, mas ao mesmo tempo acho

demasiado explícito e demasiado literal. Até porque a abordagem cénica poderá ser deixada nas mãos de quem vier a encenar. Pode ser um bom espaço criativo.

Agora falta decidir o meio. Tenho é que escrever, escrever e escrever. Mesmo que seja tudo disparatado para depois conseguir cortar, acrescentar e fazer o que é necessário. Já percebi que provavelmente não vai sair como eu espero, mas tenho que aproveitar a experiência pela jornada em si e não tanto pelo resultado.

2 de dezembro de 2021

Tudo o que escrevo sai esquisito e forçado. Muito, muito piroso. Não é parecido com o que costumo ler. Ainda gostava de saber como é que um escritor consegue fazer parecer que isto é fácil e fluido. Se fosse em prosa talvez fosse mais propício a que me expressasse de uma forma bonita, mas no texto dramático é difícil. Ou está demasiado coloquial ou está demasiado plástico e inverosímil. Não sei bem onde encontrar o equilíbrio disso. Eu que pensava que as novelas eram mal escritas, se as comparar com o pouco que escrevi até agora, parecem-me obras-primas.

Estava a falar com um dos meus colegas, do cinema onde trabalho, e ele também escreveu um texto para uma curta-metragem recentemente, e estava a dizer-me que lhe custou imenso escrever porque não conseguia sair da própria cabeça e pôr as suas ideias em prática. E que no cinema e na televisão, o texto tanto pode ser levado de uma forma literal como de uma forma mais vaga. No teatro, embora eu saiba que não é bem assim, as pessoas pegam mais no texto. Já o meu professor da escola de teatro – Carlos Avilez – dizia que se escolhêssemos um grande texto, o espetáculo estava maioritariamente feito. Lá está, é uma escola que nos incentiva à leitura dos grandes textos clássicos. Percebo perfeitamente as suas razões para o dizer, embora agora também já tenha a minha mente mais aberta para outro género de espetáculos.

Bom, o que quero explicar com tudo isto é que escrevo duas frases e apago três. Confesso que adorava perceber como é que alguém que escreva de uma forma profissional, faz para o executar de uma forma eficaz, sem compor e apagar tudo de seguida.

5 de dezembro de 2021

Falei com o Prof. Zink e fui aconselhada a criar uma rotina de escrita. Estou a procrastinar. Não é por desleixo. Posso mesmo dizer que desde que tive a confirmação de que este seria o meu projeto, não há um dia em que não trabalhe nele. Ideias e mais ideias. Fica tudo na minha cabeça. Produzir texto seria o ideal, mas ainda fiz muito pouco.

Segundo o professor, estou a fazer dois trabalhos ao mesmo tempo: escrever e criticar. Não dá para conciliar os dois. Escrever primeiro, criticar depois.

20 de dezembro de 2021

Prometi a mim mesma de que teria tudo acabado até dia 8 para deixar o texto respirar na época do Natal, mas depois do falecimento do avô do meu namorado e de tentar conciliar o meu trabalho no cinema com tudo isto, não escrevi uma única palavra. Zero. Acordo e deito-me a pensar nisso, mas depois não consigo converter em absolutamente nada. A ansiedade só aumenta. Tenho que apagar a cabeça e focar.

Outra das coisas que me preocupa é a extensão do texto. Não sei quantas páginas é suposto ter esta peça. Neste momento, é uma questão um pouco irrelevante, mas eu gosto de pensar em metas. Sei que existem textos muito curtos com um bom conteúdo, e o contrário também. Contudo, o facto de ser extenso pode não jogar muito a meu favor. O melhor será simplificar.

Fui procurar uma peça que tinha na estante, escrita por um grande amigo, para uma companhia de teatro onde trabalhei e tinha 33 páginas. Dava mais ou menos uma hora de espetáculo encenado, com música e transições de cenas. Vou guiar-me por aí e depois decido.

23 de dezembro de 2021

Não escrevi absolutamente nada. Estou a ficar preocupada. Começo a pensar que talvez seja um desafio demasiado exigente para mim. Quero manter-me positiva, até porque não há volta a dar, vou ter que concluir os meus objetivos de alguma forma. Não vou desistir agora. Mas e a desmotivação? O que faço com ela?

2 de janeiro de 2022

Este é momento de avançar. Passou o Natal, passou a passagem de ano, passou o drama todo no trabalho... agora vou sentar-me a escrever. As distrações estão todas desligadas.

6 de janeiro de 2022

Estou a avançar.

Acabei de ler o *On Directing* e foi extremamente importante para definir alguns detalhes da história. Inspirou-me. Na primeira parte é muito discutida a justaposição de planos e isso levou-me rapidamente à justaposição de ideias também. Lembrei-me de cada um deles pudesse ter um segredo diferente e que o facto de viajar no tempo fosse um elemento que ajudasse a ir desvendando esses segredos. Ainda não sei se para eles ou para o público.

O livro tem muitas partes interessantes e consigo perceber perfeitamente porque o Prof. Zink diz que é sobre realizar, mas também diz muito sobre escrever. *“The questions that you want to ask as a director are the same questions you want to ask as a writer, the same questions you want to ask as an actor. “Why now?” “What happens if I don’t?” Having discovered what is essential, you then know what to cut.”* Fazer perguntas ao texto tem-me ajudado a clarificar a história. Embora ainda não tenha definido quais são os segredos que eles escondem, já decidi que em determinada altura vão receber uma carta desse sistema de relacionamentos a informar que já atingiram um certo número de anomalias e a perguntar se estão dispostos a voltar atrás, ao dia em que, supostamente a relação começou a fraquejar.

Acho que nesse dia poderiam voltar a Madrid para uma audição numa escola de teatro. Contudo, continuo indecisa quanto ao que acontece antes e depois disso. Escolho Madrid porque é uma cidade que conheço bem. Posso mencionar nomes de sítios, sem cometer a argolada de não saber do que estou a falar. Tinha pensado em Paris ou Roma, mas nunca fui a nenhum dos dois.

Outra coisa que está no livro do David Mamet é uma sigla engraçada – K.I.S.S. cujo significado é *keep it simple, stupid!*

“Mais é menos”. Tão fácil de compreender e tão difícil de pôr em prática.

8 de janeiro de 2022

E se fosse tudo um grande mal-entendido?

Ela sai de manhã para ir às audições. Não vai. Vai fazer outra coisa. Ele segue-a e vê que ela lhe está a mentir. Não comunicam. Ela nunca sabe que ele a seguiu. Ele nunca sabe o que ela realmente foi fazer. Fica um vazio gigante, típico de quando existem assuntos por explicar.

Talvez tenha que arranjar um segredo forte para ele. Porque o ato de a seguir, em si, embora seja um comportamento errático, não é suficiente para abalar assim tanto uma relação. Seja como for, as suas personalidades também contam muito para que o relacionamento esteja condenado à partida. Ela é mimada e egoísta. Põe os seus interesses à frente dos dele. Tem uma visão infantil das situações. É iludida e pseudointelectual. Quero construí-la como uma daquelas pessoas que sabem mencionar certos nomes sonantes no meio de uma conversa, deixando a impressão de que são imensamente cultas e inteligentes, cheias de referências, mas que depois no fundo não aprofundam nada.

Por outro lado, quero fazer dele uma pessoa frustrada. Uma pessoa que se tornou fria e apática por não ter nada que o aproxime das expectativas que tinha para a sua vida. Trabalha numa loja, lida com colegas que não partilham os mesmos gostos e atura clientes chatos. Chega a casa e ainda tem que ter tudo preparado para Luísa, que não toma iniciativa de fazer nada. Ele é a única pessoa a ganhar dinheiro para os sustentar aos dois, já que ela não quer procurar um trabalho. Não consegue lidar com o facto de não estarem bem. É impulsivo e acaba por tomar as decisões sozinho. Compara constantemente o que é com o que deveria ser. Vive na própria cabeça. Poderá estar deprimido.

Não gostaria de atribuir características que socialmente se associem a géneros porque, quero escrever uma história entre um rapaz e uma rapariga (é a realidade que eu conheço), mas não quero caracteriza-los de tal forma que seja uma obrigação. Se alguém pegasse nesta peça, e quisesse transformá-la numa história entre dois homens ou duas mulheres, poderá fazê-lo sem ter que adaptar.

9 de janeiro de 2022

Estava baralhadíssima com a estrutura, portanto, enquanto estava a trabalhar (espero que o meu chefe não venha a ler isto) peguei numa folha e desapareci por uma hora a tentar esquematizar as informações que já tenho e o que ainda vai acontecer no enredo.

O que aconteceu naquele primeiro dia em Madrid, e que não irá aparecer explícito na peça, é que em vez de ir à audição, a Luísa vai resolver um problema com o Ex namorado. Artur percebe que alguma coisa não está certa e segue-a. Percebe que ela vai ter com o Ex e depreende que ela o vai trair, quando na verdade vão só conversar. Com a fúria, ele trai-a, para vingar-se dela, só para a

magoar. No entanto, as circunstâncias não são favoráveis ao comportamento dele (ainda não sei que circunstancias são essas) e ele acaba por nunca lhe contar. Então cheguei à conclusão de que depois do início que já escrevi, eles vão acordar em Madrid e a Luísa não vai perceber porque lá está. Voltam a casa e a Luísa telefona à mãe para lhe contar (aproveito para explicar o que é este sistema de relacionamentos). Acordam outra vez em Madrid, decididos a mudar alguma coisa do passado e assim, resolver todos os seus problemas, e então Luísa vai mesmo à audição e Artur não a segue. Voltam a casa, a relação continua péssima. Acordam novamente em Madrid, Luísa fica sem perceber porque continuam a ter que voltar atrás no tempo já que, da parte dela, ficou tudo resolvido. Portanto é a vez de o Artur resolver o segredo dele, que na verdade, não tem a ver com a traição porque da primeira vez que foram lá e a Luísa foi à audição, ele ficou no quarto sem fazer nada. Ele tem que “abrir o jogo” e contar o que aconteceu porque o grande problema desta relação são as meias verdades e as situações por explicar. Ele conta. Ela fica magoada com a mentira. Ela recebeu a carta da escola de teatro (ainda não sei em que parte vou encaixar essa informação). Entrou. Decide ir. Depois é o final que já escrevi. O telefonema do Artur para a mãe dele com a revelação de que eles não ficaram juntos.

Está perfeito? Não, mas dá para desenvolver!

Vou passar à ação agora. Gostaria de em dois ou três dias já conseguir enviar a primeira versão.

11 de janeiro de 2022

O processo de escrita é mesmo engraçado. Quando se desbloqueia e se perde a preocupação de escrever bem ou mal, tudo acaba por fluir. Eu penso no que quero que aconteça naquela cena e vou só escrevendo sem pensar, como se genuinamente, estivesse a responder ao que estou a ler. É como se os personagens mandassem em mim e eu só obedeco. Esta entrega pessoal é quase terapêutica.

Contudo, para ser o mais sincera possível, acho que continua a ser piroso. Não digo isto para me auto depreciar, mas tenho a perfeita consciência de que o texto em si não está bom e que tem partes até constrangedoras.

Consigo trabalhar com o que tenho. É só a primeira versão. Depois de a editar espero gostar mais do resultado final.

12 de janeiro de 2022

Escrevi e escrevi e ainda escrevi mais. Terminei a primeira versão. Era para a enviar hoje para o professor, mas ainda não tenho coragem. Tenho bastante vergonha de algumas partes e por isso tenho que voltar a ler tudo e mudar algumas coisas. Hoje vou descansar um bocadinho do texto e amanhã volto a pegar nele para rever. Deve ter erros e repetições desnecessárias.

15 de janeiro de 2022

Finalmente enviei a peça ao Prof. Zink! Saiu-me um peso enorme de cima. Não estou muito feliz com o resultado, mas estou pronta para trabalhar na edição ao máximo até ficar o melhor possível. Ainda não percebi se isto é um trabalho que algum dia fique fechado, no sentido em que mesmo depois de entregar tudo, posso voltar a ler o texto e se calhar vou querer mudar um montão de coisas. Estou insegura quanto à opinião do professor. Para alguém que vem do mundo da literatura e já leu tanta coisa boa na vida, não sei até que ponto vai achar que o que eu escrevi tem algum potencial para ser sequer um trabalho final.

Resta-me esperar para ouvir a sua opinião e as correções. Estou ansiosa para avançar com a edição, mas neste momento tenho que começar a elaborar o relatório que vai acompanhar o projeto. Assim, deixo as ideias a descansar.

19 de janeiro de 2022

Só reparei agora que na introdução do livro *A Biblioteca da Meia-Noite*, está uma citação de Sylvia Plath que diz o seguinte: “Jamais poderei ser todas as pessoas que gostaria de ser e viver todas as vidas que gostaria de viver. Jamais poderei aprender todas as aptidões que gostaria de dominar. E porque desejo tudo isto? Quero viver e sentir todas as gradações, tons e variações de todas as experiências mentais e físicas possíveis na minha vida”. Esta frase encaixa-se na perfeição no livro, mas também caracteriza a minha peça na totalidade. Não que eles queiram viver outras vidas, mas têm as infinitas possibilidades de mudar aspetos do passado e de isso se refletir numa vida nova no presente.

Por acaso, desde que enviei o texto ao meu orientador, fiquei com a sensação de que talvez a ideia não esteja muito bem executada. Porque quando voltam ao passado e ela decide ir à audição em vez de ir conversar com o Ex namorado para pôr um fim às ameaças, não existe uma mudança. Acho

que quando eles voltam à realidade o Ex namorado teria que voltar a tentar estar presente na vida deles ou então já ter passado demasiado tempo para ele nem se importar de voltar a ligar. Não introduzi uma cena específica que resolvesse essa situação.

Isto é tudo um quebra-cabeças bem complicado de resolver.

Tenho medo que ninguém entenda nada.

26 de janeiro de 2022

Agora que já passou mais de uma semana e que já avancei um pouco mais no relatório, acho que vou reler o texto e começar a perceber o que não faz sentido. Deve estar demasiado confuso porque passou pouco tempo e eu própria já não me lembro bem da estrutura.

Vou, aos poucos, perceber o que posso melhorar e vou apontando até ter o *feedback* do Prof. Zink.

Entretanto, revi ontem o episódio *Hang the DJ* da quarta temporada de *Black Mirror*. Basicamente, as pessoas estão num programa de relacionamentos em que têm na sua posse um disco com um temporizador. Assim, são avisados que têm um encontro em tal dia a tal hora. Quando eles conhecem a pessoa, esse disco mostra quanto tempo eles vão ficar juntos. Podem ser apenas umas horas como podem ser anos.

Eu adoro a premissa do episódio. Fui rever porque também tem o elemento futurista de eles estarem inseridos nessa tecnologia que permite que eles se conheçam uns aos outros e mantenham relacionamentos amorosos. Acontece que o conceito não é explicado. Há apenas uma parte subtil em que percebemos como tudo funciona porque há um dos casais que se apaixona verdadeiramente e arranjam uma forma de enganar esse sistema.

Esta vertente de explicar ou não o conceito é um dos fatores que mais me deixa insegura com o texto porque eu sinto que a forma como explico é tosca. Está presente nos diálogos de uma forma infantil. Fico a pensar se não era melhor ideia, pura e simplesmente, inserir esse sistema/programa de relacionamentos como se ele já existisse e como se toda a gente percebesse do que se tratava. Mas em simultâneo também penso que enquanto no episódio, isso é o fator central, na minha peça é só um elemento quase alegórico que permite justificar a viagem temporal. É só uma justificação para as hipóteses diferentes que poderão acontecer nas várias relações que temos na vida.

Televisão e cinema são uma coisa. Teatro é outra. Tudo resulta de forma diferente.

Fica a dúvida no ar até encontrar uma luz ao fundo do túnel.

31 de janeiro de 2022

Quando escrevi o texto, coloquei numa folha algumas hipóteses para possíveis segredos e para potenciais situações do que eles foram fazer a Madrid numa primeira instância. Na versão que mandei ao professor ela só foi falar com o Ex namorado para resolver as constantes ameaças, mas e se ela, efetivamente o traísse? Ou se ela mantivesse um relacionamento com o Ex e estivesse com o Artur só por interesse?

O segredo dele também poderia não ter nada a ver com essas traições ou com vinganças. Ele poderia ter uma doença ou ser infértil e nunca lhe ter contado. Ter uma segunda família também pode ser impactante, mas já acho um grandessíssimo clichê. Poderia ter um filho que abandonou. É um bocado ao estilo da novela mexicana, mas acho um segredo forte e verosímil. Imaginando que ele teve uma relação breve enquanto era muito jovem e teve um filho com essa namorada. Não vejo um único motivo para abandonar uma criança, mas e se ele estivesse numa situação financeira completamente frágil? Poderia pedir a alguém mais velho que cuidasse da criança e em simultâneo poderia estar presente na vida dele. Não sei. Eu introduzi um amigo (Rui) no texto precisamente para deixar uma porta aberta para algum assunto que eu quisesse inserir. Neste momento, o Rui é só amigo do Artur e vai fazer uma festa de aniversário em que faz questão que tanto Artur como Luísa estejam presentes. Coloquei esse segmento porque queria mostrar que a Luísa não estava muito interessada em ir a essa festa e que não está disposta a esforçar-se minimamente para entrar no universo de Artur.

Creio que o Prof. Zink entretanto já terá lido e em breve falarei com ele para me dar as suas impressões. Estou nervosa!

6 de fevereiro de 2022

Hoje tive o *feedback* do Prof. Zink e fiquei contente. Foi melhor do que esperava. Ontem quando trocámos algumas mensagens, depois de lhe ter enviado a sinopse que me pediu, disse-me para pensar em retirar a verborreia e “substituir por ação e implícito”. Claro que isso é o início de um processo de edição, mas só me ocorreu que o texto estivesse mesmo uma valente porcaria. Depois de algum tempo sem voltar a mexer ativamente nos diálogos, gostei da perceção que ele teve da peça e de como a analisou. Fiquei confortável em poder partilhar ideias e perceber por onde tenho que avançar. Afunilar o texto é já o primeiro passo. Cortar o que não interessa e limar as arestas. Pagar. Cometi o erro ridículo de principiante de não pagar o texto. Depois, perceber bem que género é este. Eu diria que é uma tragicomédia e o professor concordou. Fez-me várias perguntas para que eu pense nelas e as tenha em conta para mudar o texto.

- **Qual é a diferença de idade deles?**

A Luísa está nos seus 20 anos, ainda muito mimada e imatura, mas já com o peso que ela própria quis impor para si, de ter responsabilidades de uma mulher adulta e independente. O Artur deverá ter uns 32/33 anos. Já procura uma certa estabilidade, tanto financeira quanto emocional. Luísa ainda tem a vitalidade de achar que tem o resto da vida pela frente enquanto Artur, embora seja jovem, já acha que é tarde para criar novos objetivos, principalmente em termos profissionais.

- **De quem é a casa e onde?**

A casa é do Artur e é em Lisboa. Acho que não referi nada disso no texto, mas imaginei que a Luísa tivesse ido viver com o Artur por impulso numa altura ainda muito precoce da relação. Talvez ao fim de seis meses, e apenas por conveniência de poder estar mais perto do conservatório. Não foi uma atitude pensada em conjunto nem pelos motivos certos.

- **O que impede as personagens de serem completas? Forças interiores ou exteriores?**

Ele está totalmente desmotivado. Abdicou de querer tentar uma carreira no teatro por achar que não ia conseguir subsistir. A falta de dinheiro e a falta de oportunidades são os fatores externos que contribuem para a sua frustração. Estaria completo com uma profissão que, mesmo não sendo ator, lhe estimulasse o seu potencial criativo, e com uma namorada que, só por ser ela própria, não lhe mostrasse todos os dias o quão longe ele está dos objetivos a que se propôs.

Ela não tem uma motivação interior que a impeça de ser completa porque, na verdade, leva as suas vontades como prioridade sem ter muita noção de parceria ou de coletivo. Depende unicamente personalidade dela. O único impedimento que tem, e esse é externo, é a relação com Artur em que se sente mais sufocada e no fundo com alguma pena de o deixar numa altura em que ele está mais fragilizado. Sentir-se-ia completa caso fosse uma atriz com muito trabalho, independentemente de ter namorado ou não.

- **Quem trai com quem?**

Esta pergunta é boa porque existem vários tipos de traição no texto. Não no sentido da infidelidade, mas sim, no sentido da violação de alguns laços morais. Na verdade, fisicamente ninguém trai ninguém. Só o Artur é que beija uma rapariga por achar que é traído (ainda não tenho a certeza se vou manter isto). Luísa vai ter com o seu Ex namorado, Pedro, sem contar a Artur e isso é moralmente questionável. Quando fala com a mãe ao telefone também acaba por dizer que ele é paranoico e passar uma imagem depreciativa do próprio namorado, que embora seja em tom de desabafo, não deixa de ser revelador de um carácter sem empatia e sem sentido de companheirismo.

Se analisarmos, existem quatro formas de representar traições físicas com estas personagens, nesse dia que foram a Madrid. Podem trair os dois, pode ser só a Luísa, pode ser o Artur, ou podem ambos ter a intenção de o fazer, mas não terem coragem. Caso tome a decisão de pegar nesta última hipótese, isso mudaria substancialmente as coisas. Eles conseguiriam ficar juntos no final. Embora eu não seja assim tão fã dessa ideia.

- **O cenário também é uma personagem?**

Acho que nunca mencionei nada sobre este assunto, aqui no diário. Quando escrevi o início do texto, descrevi a casa deles como estando extremamente desarrumada porque queria incluir um elemento que fosse realmente caótico para enfatizar o estado da relação deles. Não contava fazer a descrição da casa em cada cena, mas em simultâneo pareceu-me um medidor natural para as várias fases que eles vão passando. É uma metáfora. Quando estão mal, a casa está desordenada. Quando estão bem, o ambiente está alinhado e limpo. Portanto, sim. A casa também é uma personagem que funciona como gradiente e transmite o ponto da situação em que eles se encontram.

- **Que mudanças há de cena para cena? Em que avançam?**

As transições são o assunto que tenho mais dificuldade em responder porque sinto que as cenas acabam por suceder-se para justificar os traços de personalidade das personagens. A ação que existe é para resolver o conflito deles. Avança e recua entre Lisboa e Madrid. Os segredos são construídos e revelados enquanto o enredo vai desenrolando, mas não há uma ação específica em cada delas.

O professor também me pediu para resolver melhor a questão do sistema de relacionamentos. Que sistema é este? Deteta anomalias? Que anomalias são essas? Há anomalias nos relacionamentos?

10 de fevereiro de 2022

Imprimi o texto e comecei a trabalhar nas questões que o Prof. Zink me colocou, diretamente no papel, para corrigir os erros. Quando passei para o computador, coloquei as didascálias em itálico. Assim, livro-me dos parênteses e das maiúsculas. As didascálias com a indicação de silêncio são tão importantes como a casa estar arrumada e desarrumada. Enquanto ia escrevendo, imaginava o diálogo com certo ritmo, como se fosse um jogo de ténis, que depois tem várias interrupções. Para mim, o silêncio desconfortável é dos maiores indicadores de que uma relação está numa fase pior. Quando já não há mais nada por dizer, ou quando já existe uma certa dificuldade em comunicar, o silêncio toma conta de todo o espaço negativo.

Logo no início, eles falam da cena do quarto do Hamlet e, fiz questão de deixar, porque me lembro de quando estudava na escola de teatro, era das cenas que estavam envolvidas em mais conceitos e mais simbologia. Era realizada como um exercício feito à porta fechada onde “abríamos as nossas gavetas” e aprendíamos a usar as nossas emoções. Não cortei texto daí e ainda acrescentei uma pequena parte a falar um pouco do teatro da crueldade do Artaud, com o intuito de gerar a eterna discussão do teatro de texto/clássico e da performance. Já tive essa discussão várias vezes, com várias pessoas e nunca chegamos a conclusão nenhuma. Eu não vou negar a minha eterna admiração por um bom texto, por personagens e desafios de interpretação, mas também consigo perceber a importância da performance no panorama da cultura atual. Aliás, um não impede o outro. Há espaço para todos.

Tentei acrescentar mais detalhes reveladores dos caracteres das personagens, nas primeiras cenas. Em vez de ele trabalhar numa loja, trabalha num *call center*. Ela parece ainda mais mimada e expressa claramente que não quer trabalhar.

Tentei explicar melhor a questão do sistema de relacionamentos. Mas ainda não estou muito contente com isso. Então, se estão inseridos numa realidade tão futurista, o sistema funciona por carta? Aquela parte da resolução final também me parece esquisita. No fim, têm que tomar uma decisão: ou ficam juntos para sempre ou terminam logo ali sem haver volta a dar. É um pormenor, mas detesto a ideia. É infantil.

Inseri uma fala do filme/livro *The Perks of Being a Wallflower* que rege muito a opinião que eu tenho do amor: “cada um aceita o amor que acha que merece”. Ao mesmo tempo, faz sentido no texto, mas vê-la escrita parece que não resulta.

Mais à frente, tentei resolver a questão do significado das anomalias e das infrações. São as mentiras, as situações por explicar, as omissões, os mistérios.... Sinceramente, isto é bem mais difícil de fazer do que eu pensava. Quando tento explicar o que quero dizer parece que não tenho vocabulário suficiente.

É melhor parar um pouquinho por hoje.

13 de fevereiro de 2022

Sinto-me novamente bloqueada. Este processo vive muito do balanço entre o esforço e o descanso. Porque é preciso avançar, mas em simultâneo, sem o pensamento fresco, comentem-se erros desnecessários.

Vou parar para distrair a cabeça e voltar com o cérebro revigorado e repleto de ideias. Se isso não resultar, pelo menos que ajude na capacidade de fazer escolhas. À medida que vou avançando neste processo, apercebo-me que escrever é só uns 20/30%. O resto é tomar decisões e saber

desenvolver essas decisões. Porque escolho A em vez de B? Mas e se eles fossem com C e ignorassem completamente D?

Isto também me ajuda no meu desenvolvimento pessoal porque opções e decisões nem sempre são o meu forte.

18 de fevereiro de 2022

Estou de volta!

Fui mudando algumas expressões do texto. Não cortei muitas informações, mas fui transformando as palavras e as frases para tentar tornar o enredo mais apelativo.

Continuo insegura com a cena da traição do Artur. Aquilo parece-me ridículo. Alguém trai por vingança? Aquilo foi só um beijo, num ato estúpido, por ter ficado completamente fora de si, mas é verosímil? É possível? Não sei! Comigo não aconteceu. Não conheço ninguém a quem tenha acontecido.

Também não gosto muito do final. Está forçado.

Tenho que lembrar-me de alternativas melhores.

25 de fevereiro de 2022

Não entendo como é que eu vou mudar esta história da traição do Artur sem alterar bastante da estrutura do texto. Tenho que arranjar outro segredo para ele, completamente diferente. Para que seja bem fundamentado, tenho que o explorar mais cedo na narrativa. Teria que dar umas pistas desde início. As personagens extra que tenho, embora não estejam fisicamente na peça, podem fazer parte do mistério dele. Existem as mães de ambos, o Rui (amigo de Artur) e o Ex namorado de Luísa (Pedro). Dá para explorar alguma situação com o Ex namorado. O Artur podia, por exemplo, ter-se encontrado com ele depois da Luísa ter saído da conversa que tiveram hotel. Mas o que vai lá fazer? Conversar? Agredir? Chorar? Implorar?

Com o Rui, sendo que são amigos, têm muita história do passado, com certeza. Já me tinha lembrado (e acho que já tinha escrito anteriormente) que o Artur poderia ter tido um filho quando era mais novo e, como não tinha possibilidades de lhe dar uma vida decente, pediu ao Rui para cuidar dele e em simultâneo, tinha o benefício de estar presente na vida dele.

É uma ideia e poderá substituir o que já tenho, mas não sei se o vou fazer neste momento. Vou enviar a segunda versão do texto entretanto, quando acabar de passar o resto das correções para

o computador. Também já aprendi que não volto a fazer desta forma porque tenho o dobro do trabalho. Da próxima vez, edito o documento que vou enviar.

3 de março de 2022

Enviado! Finalmente! Vamos ver se melhorei. Uma coisa é certa: acrescentei muito mais do que cortei. O conceito de limpar a verborreia e afunilar o texto, não foi uma missão cumprida. Só me resta esperar.

6 de março de 2022

O Prof. Zink mandou-me uma mensagem a dizer que estava num bom caminho. Para ter atenção a alguns erros, como por exemplo a pontuação. Tenho que rever isso tudo. Confesso que não tive o maior dos cuidados com as questões de revisão do texto. Tencionava fazer essa tarefa mesmo no fim, na versão final.

Amanhã falarei melhor com o professor. Estou expectante!

7 de março de 2022

Troquei ideias com o Prof. Zink. Segundo ele, o texto está a “disparar para todo o lado”. Eu concordo perfeitamente. Está na altura de cortar ideias, mesmo que elas sejam boas, e simplificar. Fazer do texto um material unificado.

O professor disse uma frase do Jorge Luís Borges que me marcou: “a realidade pode dar-se ao luxo de ser inverosímil, a ficção não”.

De repente fiquei nervosa com todo o conceito de viajar no tempo. Haverá coisa mais inverosímil? Seja como for, anulando isso, o texto fica muito fraco. É um elemento mais magico, mas na verdade, vem só auxiliar a ideia que julgo estar implícita na peça, de que nem todos os relacionamentos por muito que sejam repletos de amor e que as pessoas se respeitem, estão fadados a funcionar. Isso, para mim, é um facto. Tirando esse elemento é só mais um texto igual a muitos outros, com a vertente de ter pouca profundidade. As conversas são muito coloquiais e não partilham nenhuma ideologia, nem vão mudar o mundo. Mas o que lá está é possível, porque não sendo autobiográfico, partilha muito do que já vivi e já vi outros viverem.

Vou pegar novamente e ver o que posso cortar.

13 de março de 2022

Peguei numa folha de papel, escrevi a estrutura da peça mais uma vez e reconstruí de uma forma mais limpa. Cortei algumas incongruências. Em vez de existirem tantas viagens entre casa e Madrid, ficam mais tempo nos sítios. O sistema passou a ser algo que não é questionável ou opcional. Pura e simplesmente são avisados de que vão entrar num processo em que vão voltar atrás para o dia em que os problemas começaram. Claro que isto, tal como todos os sistemas muito rígidos, é questionável. Como se sabe qual o momento específico em que uma relação começa a degradar-se? Ninguém sabe, mas este sistema aparentemente funciona. Porque detetou as mentiras da Luísa e detetou o segredo do Artur (que estou mesmo decidida a trocar por um filho que abandonou). Não há cartas para receber, não há decisões finais. O sistema chama-se só sistema.

Vou passar ao texto porque o tempo urge!

17 de março de 2022

Dei mais ênfase ao Rui, amigo do Artur, porque ele ficou a cuidar de Daniel, o filho que abandonou por não ter condições para cuidar. Tinha-me lembrado de ele ser infértil e nunca contar à Luísa, mas acho um terreno demasiado desconhecido para mim.

Cortei a mãe do Artur. Só aparecia no telefonema final e não faz sentido. Assim aumento a proximidade que ele tem com o Rui e vou deixando algumas pistas durante as cenas até se entender no final que o pai do Daniel é o Artur, nesse telefonema.

Inseri alguns detalhes que espero que não “sujem” o texto.

Acho que está mais objetivo. Precisava que alguém de fora, para além do Prof. Zink, lesse o texto. Vou pedir à minha mãe.

20 de março de 2022

Enviado! A terceira versão seguiu e espero que esteja bem melhor porque já não me sobra muito mais tempo para editar e rever. Tenho medo do tom do texto. Leio coisas maravilhosas e quando tento pôr em prática, parece-me infantil e imaturo. Construir um texto dramático é difícil. Mesmo.

Começo a sentir uma certa melancolia porque o processo está a acabar e não sei se alguma vez mais terei a oportunidade de trabalhar desta forma com o Prof. Zink. Tem sido uma das melhores

partes de ter escolhido fazer este projeto. Tento absorver ao máximo todas as coisas preciosas que me diz e sinto que aprendi imenso nestes meses.

Agora, esperarei pelo *feedback* e corro para conseguir escrever e rever tudo o que me falta.

22 de março de 2022

Anteontem enviei a última versão da peça à minha mãe. Já li, escrevi e emendei o texto tantas vezes que já não me consigo abstrair dos pormenores e informações que criei. Então, precisava mesmo de saber se uma pessoa que não fazia ideia do tema e do enredo, se conseguia perceber do que se tratava.

Quando a minha mãe me ligou para me dar a sua opinião, fiquei um pouco assustada porque ela diz que ficou demasiado absorvida pelos diálogos em si e a tentar encaixá-los na minha vida. Obviamente que o texto tem um bocadinho das minhas vivências, mas a maioria dos detalhes são aumentados para que os consiga inserir no texto da forma que mais me agrada e que melhor o favorece.

Posto isto, acho que ela não deu muita atenção ao sistema que os permite viajar no tempo e isso deixou-me realmente insegura. Corro o risco de ninguém perceber nada da ação, e isso pode ter um efeito negativo.

Achava que poderia ser a última versão do texto, precisando apenas de revisão de ortografia, mas já percebi que vou ficar até ao último dia a tentar aprimorar o que tenho.

30 de março de 2022

Esta jornada chega hoje ao fim.

Depois de problemas com o computador, de noites seguidas quase sem dormir, de mais indicações para alterar os diferentes textos que vou entregar e de um ligeiro desespero de ver o tempo a passar, consegui. É com muita emoção que posso dizer, com certeza, que consegui concluir aquilo a que me propus no início.

O Prof. Zink disse-me para ser mais incisiva diretamente no texto e eu tentei cumprir ao máximo. Cortei mais de 1000 palavras. Simplifiquei mais e mais.

Tenho a consciência de que o trabalho que desenvolvi não é perfeito. O texto pode apresentar algumas disparidades. O relatório pode não estar muito científico. O diário pode estar demasiado pessoal. Contudo, acho que nunca aprendi tanto num período de tempo tão curto. Por mim, começaria outro projeto. Agora.